

O cardeal Augusto Hlond

Era o segundo de 11 filhos; seu pai era um trabalhador ferroviário. Tendo recebido de seus pais uma fé simples, mas forte, aos 12 anos, atraído pela fama de Dom Bosco, seguiu seu irmão Inácio para a Itália para se consagrar ao Senhor na Sociedade Salesiana; e logo atraiu outros dois irmãos para lá: Antônio, que se tornaria salesiano e um músico renomado, e Clemente, que se tornaria missionário. O colégio de Valsalice o acolheu para seus estudos ginasiais. Em seguida, foi admitido no noviciado e recebeu a batina do Beato Miguel Rua (1896). Depois de fazer sua profissão religiosa em 1897, seus superiores o enviaram a Roma, à Universidade Gregoriana, para o curso de filosofia, que ele coroou com um diploma. De Roma, retornou à Polônia para fazer seu tirocínio prático no colégio de Oświęcim. Sua fidelidade ao sistema de educação de Dom Bosco, seu compromisso com a assistência e com a escola, sua dedicação aos jovens e a amabilidade de seus modos lhe renderam grande ascendência. Ele também se tornou rapidamente conhecido por seu talento musical.

Concluídos os estudos de teologia, recebeu a ordenação sacerdotal em 23 de setembro de 1905; foi ordenado em Cracóvia pelo bispo Dom Nowak. De 1905 a 1909, frequentou a Faculdade de Artes das Universidades de Cracóvia e Leopólis. Em 1907, foi encarregado da nova casa em Przemyśl (1907-1909), de onde passou a dirigir a casa de Viena (1909-1919). Ali, sua coragem e habilidade pessoal tiveram um alcance ainda maior devido às dificuldades específicas que o instituto enfrentou na capital imperial. O P. Augusto Hlond, com sua virtude e tato, conseguiu, em pouco tempo, não apenas resolver a situação econômica, mas também fazer florescer um trabalho com jovens que atraiu a admiração de todas as classes de pessoas. O cuidado com os pobres, os trabalhadores e os filhos do povo lhe atraiu a afeição das classes mais humildes. Querido pelos bispos e núncios apostólicos, ele gozava da estima das autoridades e da própria família imperial. Em reconhecimento a

esse trabalho social e educativo, por três vezes, recebeu algumas das mais prestigiosas honrarias.

Em 1919, o desenvolvimento da Inspetoria Austro-Húngara aconselhou uma divisão proporcional ao número de casas, e os superiores nomearam o P. Hlond como inspetor da Inspetoria Germano-Húngara, com sede em Viena (1919-1922), confiando-lhe o cuidado dos coirmãos austríacos, alemães e húngaros. Em menos de três anos, o jovem inspetor abriu uma dúzia de novas presenças salesianas e as formou no mais genuíno espírito salesiano, suscitando numerosas vocações.

Estava em pleno fervor de sua atividade salesiana quando, em 1922, tendo a Santa Sé que providenciar a organização religiosa para a Silésia polonesa, ainda sangrando por conflitos políticos e nacionais, o Santo Padre Pio XI confiou-lhe a delicada missão, nomeando-o Administrador Apostólico. Sua mediação entre alemães e poloneses deu origem, em 1925, à diocese de Katowice, da qual se tornou bispo. Em 1926, ficou Arcebispo de Gniezno e Poznań e Primaz da Polônia. No ano seguinte, o Papa o criou cardeal. Em 1932, fundou a Sociedade de Cristo para os emigrantes poloneses, com o objetivo de ajudar os muitos compatriotas que haviam deixado o país.

Em março de 1939, participou do conclave que elegeu Pio XII. Em 1º de setembro do mesmo ano, os nazistas invadiram a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial. O cardeal levantou sua voz contra as violações dos direitos humanos e da liberdade religiosa cometidas por Hitler. Forçado ao exílio, ele se refugiou na França, na Abadia de Hautecombe, denunciando a perseguição aos judeus na Polônia. A Gestapo entrou na abadia e o prendeu, deportando-o para Paris. O cardeal se recusa categoricamente a apoiar a formação de um governo polonês pró-nazista. Ele foi preso primeiro em Lorena e depois em Westfália. Libertado pelas tropas aliadas, ele retornou à sua terra natal em 1945.

Na nova Polônia libertada do nazismo, ele encontrou o comunismo. Ele defendeu corajosamente os poloneses contra a opressão marxista ateísta, escapando até mesmo de várias tentativas de assassinato. Morreu em 22 de outubro de 1948 de

pneumonia, aos 67 anos de idade. Milhares de pessoas compareceram ao seu funeral.

O Cardeal Hlond era um homem virtuoso, um exemplo brilhante de religioso salesiano e um pastor generoso e austero, capaz de visões proféticas. Obediente à Igreja e firme no exercício da autoridade, demonstrou humildade heroica e constância inequívoca nos momentos de maior provação. Cultivou a pobreza e praticou a justiça para com os pobres e necessitados. Os dois pilares de sua vida espiritual, na escola de São João Bosco, eram a Eucaristia e Maria Auxiliadora.

Na história da Igreja da Polônia, o Cardeal Augusto Hlond foi uma das figuras mais eminentes pelo testemunho religioso de sua vida, pela grandeza, variedade e originalidade de seu ministério pastoral, pelos sofrimentos que enfrentou com um intrépido espírito cristão pelo Reino de Deus. O ardor apostólico distinguiu o trabalho pastoral e a fisionomia espiritual do Venerável Augusto Hlond, que tomou como lema episcopal *Da mihi animas coetera tolle*, como verdadeiro filho de São João Bosco; confirmou-o com sua vida de consagrado e de bispo, dando testemunho de incansável caridade pastoral.

Devemos lembrar o seu grande amor a Nossa Senhora, aprendido em sua família e a grande devoção do povo polonês à Mãe de Deus, venerada no santuário de Czestochowa. Além disso, de Turim, onde iniciou sua jornada como salesiano, difundiu o culto a Maria Auxiliadora na Polônia e consagrou a Polônia ao Imaculado Coração de Maria. Sua entrega a Maria sempre o sustentou na adversidade e na hora de seu encontro final com o Senhor. Ele morreu com as contas do rosário nas mãos, dizendo aos presentes que a vitória, quando chegasse, seria a vitória de Maria Imaculada.

O Venerável Cardeal Augusto Hlond é uma testemunha singular de como devemos aceitar o caminho do Evangelho todos os dias, apesar do fato de que ele nos traz problemas, dificuldades e até mesmo perseguição: isso é santidade. «Jesus lembra as inúmeras pessoas que foram, e são, perseguidas simplesmente por ter lutado pela justiça, ter vivido os seus compromissos com Deus e com os outros. Se não queremos afundar numa obscura

mediocridade, não pretendamos uma vida cômoda, porque, “quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la” (Mt 16,25). Não podemos esperar que tudo à nossa volta seja favorável, porque muitas vezes as ambições de poder e os interesses mundanos jogam contra nós... A cruz, especialmente as fadigas e os sofrimentos que suportamos para viver o mandamento do amor e o caminho da justiça, é fonte de amadurecimento e santificação.» (Francisco, Gaudete et Exsultate, nn. 90-92).